

UMA INFAMIA QUE SE MANTEM

O governador civil de Braga ainda não restituíu á Associação dos Empregados de Commercio de Guimarães a autonomia que tío abusiva e escandalosamente lhe coartou para aquiescer ás instancias d'um vilão. A inadmissivel attitude d'aquelle funcionario vae a classe inteira do paiz responder altivamente n'um intenso movimento de protesto que se iniciava em 21 do corrente. E' preciso que nenhuma associação de classe deixe de ser solidaria com a sua congénera d'aquella cidade. Todas ellas se devem fazer representar directamente n'esse comicio, exprimindo pela voz indignada e insubmissa dos seus delegados, o seu energico protesto contra a violencia em questão. O conflicto é de caracter associativo e não de caracter politico. Aqueelles que o pretendem levar para esse campo tem apenas em vista crear á nossa volta uma atmosfera de antipathia e hostilidade contra aquillo que reclamamos para desaggravo da nossa dignidade colectiva tão baixamente offendida. O caixeiro portuguez fiel ás suas gloriosas tradições de liberdade e de honra está como sempre ao lado da Republica, mas não permitirá que ella seja indiferente, mostrando assim a sua cumplicidade, ás prepotencias das suas autoridades. Abaixo o despotismo!

O aspecto da questã da Associação dos Empregados de Commercio de Guimarães com o governador civil do districto, questã que envolve uma insolita violencia que é um symptoma assustador da tam dissolvente crise moral em que n'este momento angustioso, se debate a sociedade portugueza, não mudou até agora, visto que aquelle funcionario, apesar dos apellos que lhe dirigimos, feitos altivamente mas com a correccão e lealdade que sempre serviram de timbre ás nossas campanhas jornalisticas, se recusou por meio de evasivas que o collocam ainda n'uma mais equívoca situação moral, a attender á justiça das nossas razões. E assim a questã conserva todas as características que a assignalavam como a maior iniquidade que até hoje se tem exercido á guisa de um symptoma da crise moral que a sociedade portugueza vive. O nosso protesto apesar de traduzir o sentimento colectivo da classe inteira, nenhuma influencia exercen no animo do sr. Monteiro. E nós vemos o curvar-se, assim, tam vergonhosamente, como um sabujo, como um escravo, como uma pessoa que inteiramente abdica da sua personalidade moral, á vontade e coacção do sr. Marianno Felgueiras.

Depois das nossas considerações, expostas e deduzidas por fórma a esclarecer o pormenoradamente e com a maior precisão, das causas que moveram aquella perversa creatura a solicitar da sua autoridade a ordenação d'uma arbitrariedade sem precedentes na historia do Direito moderno e que precisava de ser vingada com as armas na mão ou n'uma cela da Penitenciaria, attendendo ao seu cunho de insidia, de ruindade, de malvadez e rancor, persuadidos como estavam de que s. ex.^a tivesse procedido bem intencionadamente, pois não o julgavamos capaz de prestar-se á obra de vingança d'um seu amigo politico, esperavamos confiadamente que s. ex.^a não faria qualquer homem de bem superior a todos os attrictos e paixões, de critério rectilíneo, imparcial e justiciero, como faria qualquer homem que não quizesse ver maculada a sua reputação nem em cheque a sua dignidade profissional, esperavamos, diziamos, que s. ex.^a tivesse um gesto nobre, digno, humano que o rehabilitasse no conceito geral, restituindo a uma collectividade legalmente constituída, a autonomia que tam abusivamente lhe tinha coartado, para que ella podesse resolver uma questã que só a si dizia respeito, segundo a vontade da maioria dos seus associados. Tal não aconteceu, porém.

Mas a voz do nosso protesto redobrá de intensidade á medida que se fór prolongando esta odiosa e excepcional situação. Nenhuma força, nenhum poder, nenhuma violencia, porque nem mesmo deante da morte nos renderemos, conseguirá emmudecer essa voz que ha-de soar esmagadoramente como as fustigadellas d'um chicote implacavel. Sim. Ella ha-de soar através de tudo com vigor e indignação, para que seja conhecida de todos, da classe inteira principalmente, que vai ser chamada a intervir no conflicto, a villear, a velhacaria e a má fé das pessoas que o provocaram e ainda para que a opinião publica, alarmada com os nossos reiterados bra-

dos, venha em nosso auxilio arrancarnos, conjugando os seus aos nossos esforços, da tutela aviltante e ascorosa d'um homem que está infringindo, com a maior arrogancia e desprendimento, as mais elementares normas da Liberdade, do Dever e do Direito. Em nome de que lei, de que principios de justiça, prohibiu o sr. governador civil a realisação d'uma assembleia n'uma associação cuja soberannia reside na maioria de vontades dos individuos que n'ella estão filiados para a defeza common dos seus direitos e interesses?

N'uma associação que tem os seus direitos e deveres consignados n'uns estatutos devidamente approveds pela autoridade competente? Crémos que nem em Marrocos semelhante lei existe. E crémolo, porque não é preciso ter o curso das municipalidades para reconhecer natural que não admittam que uma restricta minoria, quando apenas em seu favor militen a ruindade e a insensatez, se imponha á vontade da grande maioria que desassombadamente caminha pela luminosa estrada do Dever escudada na Dignidade, no Direito e na Justiça.

Mas o sr. Manoel Monteiro, não obstante ter frequentado a Universidade, parece nada saber d'essas coisas que são trivialidades, bagatellas a que s. ex.^a não se digna ligar qualquer importancia. A continuarem a repetir-se conflictos d'esta natureza, a ordem, a segurança e a moralidade publica exigem que o governo antes de fazer certas nomeações, mande os individuos sobre quem ellas tenham de recahir, até Marrocos para que depo s, ao menos, cá não façam o que não viram por lá fazer.

O procedimento do sr. governador civil do districto de Braga não tem atenuantes possiveis. S. ex.^a agiu conscientemente. N'outro paiz que não fosse o nosso, onde existisse o principio do respeito pelos direitos alheios, já teria a estas horas sido severamente punido pela violencia de que é responsavel. Nós demos lhe muito tempo para annular a sua absurda ordem de prohibição relativamente á assembleia geral. S. ex.^a não a annullou invocando o pretexto de que a questã era de caracter politico. Põe elle unicamente da sua parte e tambem da parte do sr. Marianno Felgueiras e do insignificante numero dos seus amigos que com elle são solidarios. No campo dos interesses associativos é que nós e todos os nossos amigos estamos tratando a questã. Que isto fique bem frizado e bem radicado no espirito de todos os nossos collegas, quaesquer que sejam as suas opiniões politicas, para que nenhuma preponderancia possam ter as aleivosias e calumnias, armas de que se servem para nos indisporem com o publico. Todos os que nos conhecem sabem como são avançadas as nossas ideias politicas. João Franco, como politico, foi alvo dos nossos ataques na imprensa. E não hesitaremos em reproduzir n'este jornal muitos dos artigos que contra elle escrevemos em diversas gazetas, se continuarem insinuando que a nossa campanha obedece a fins e conveniencias partidarias. No tempo da monarchia, a nossa voz por repetidas vezes se fez ouvir em muitos centros em favor da propaganda republicana.

Hoje como hontem nos conservamos fieis ao lado da republica, sem que isso signifique exclusão de combate sem tréguas aos homens que, como o dr. Manoel Monteiro, á sombra d'ella commettam violencias e indignidades.

Alguns dos nossos collegas da Associação dos Empregados de Commercio de Guimarães, para esse fim constituídos em commissão, foram propositadamente a Braga reclamar d'aquelle funcionario no sentido de lhes ser levantada a ordem que os inhibe de se

pronunciarem dentro da sua associação contra um acto que repugna á sua consciencia de homens livres, educados, civilizados e honestos. Elles que rem affirmar bem alto a sua desaprovacão aos actos de cannibalismo praticados traçoiramente na sua casa por uma pequena minoria de individuos obcecados por paixões politicas; individuos que para patentearem o seu odio, intolerante e grosseiro, recorrem a meios ignobres e execráveis como os delles de que se serviram no caso em questão. E' um direito que ninguém pódè violar.

O contrario só se justifica quando o despotismo impera em toda a extensão da palavra. O sr. governador civil não quize attender os nossos collegas, pretextando razões irrisorias. E, todavia, foi nos termos mais correctos, ordeiros e humildes que elles se lhes dirigiram, apresentando-lhe uma exposicão clara dos factos exactamente como elles se passaram. D'essa exposicão, que é assaz estensa, destacamos os seguintes peridos:

«Em 18 de agosto de 1907 foi nomeado socio honorario d'esta Associação, o cidadão João Ferreira Franco Pinto Castello Branco, pelo facto de elle referendar o primeiro decreto que em Portugal se pôz em execucao regulando o descanço semanal.

Gerencias successivas tem passado pela administração d'esta casa sem que o retrato do mesmo socio honorario, collocado no salão nobre em virtude da deliberação da Assembleia Geral, tenha merecido algum reparo já da parte d'essas gerencias, como tambem da parte de qualquer dos socios, e só ultimamente, em 21 de janeiro proximo passado, um socio ao terminar o seu mandato como presidente da Mesa da Assembleia Geral, se lembrou de propor á sua eliminação de socio e a inutilisação do retrato, facto este que constitue uma revolta arbitrariedade pela fórma como essa proposta foi apresentada e se conseguiu a sua applicação, além de uma coiza que até então era considerado por todos os seus socios como um liberdador dos opprimidos, ou seja o grande defensor dos empregados de commercio e o seu unico amigo como se disse na proposta da nomeação.

Mas, ill.^{mo} e Ex.^{mo} Senhor, se a arbitrariedade por um lado revolta por se terem offendido as disposições do artigo 28.^o dos estatutos da Associação e do artigo 14.^o da lei de 9 de maio de 1891, por outro rebaixa-nos ás condições de vil escoria, porque o retrato foi apeado do seu lugar, cortado em pequenos pedaços, sendo estes, em alardeamento do feito, mostrados em diferentes casas, algumas das quaes sob a vigilancia directa da policia, tal é o seu miserando funcionamento.

No referido dia 21 de janeiro proximo passado, reuniu a Assembleia Geral d'esta Associação para, conforme determina o § 1.^o do artigo 26.^o dos estatutos, discutir e votar o relatório e contas e dar posse aos novos eleitos.

A materia d'esta sessão ordinaria está absolutamente determinada nos estatutos, não podendo discutir-se n'ella assumpto diferente; pois, apesar d'isso, no aviso convocatorio distribuido aos socios, dizia-se que n'ella se tomariam deliberações de interesse para a Associação.

Pedimos, porém, a V. Ex.^a se digne dispensar toda a attenção para a fórma como decorreu essa sessão.

Até á altura prescripta nos estatutos presidiu á sessão o presidente da mesa cessante, sendo apenas discutido o relatório e contas e conferida a posse.

Findo que foi este serviço, a mesa tratou de elaborar a acta, pelo que muitos dos socios presentes, julgando terminados os trabalhos, principiarão a retirar-se, e então os socios que entre si tinham combinado a eliminacão do socio honorario, quando viram que já estavam em maioria para poderem levar a effetto o seu intento, constituiram nova mesa da Assembleia Geral á qual presidiu o socio que até então havia servido de secretario, ficando o presidente respectivo como mero assistente para apresentar a proposta de eliminacão do socio e inutilisação do retrato.

E' claro que pela fórma como elles procederam á segunda reunião, conseguiram maioria para a votacão d'aquella proposta, não, contudo, sem os protestos d'alguns, poucos, socios que pela Associação haviam ficado.

Justamente indignados, tres dos socios que tinham os seus retratos na sala da Associação, officiarão á Direcção a pedirem, em virtude do facto speedido, a sua eliminacão de socios e a exigirem que lhes tirassem da sala os respectivos retratos conforme as cópias que se juntam.

Em face d'aquelles officios, a Direcção, que não podia resolver o assumpto n'el-

la e é isso que nós queremos e nada mais.

Esperamos pois, confiados na superior illustração e alto caracter de V. Ex.^a, que ponderando a exposicão singular que acabamos de fazer, se dignará revogar a ordem dada para que na Associação de Classe dos Empregados de Commercio de Guimarães se não possam realizar quaesquer Assembleias Geraes ou reuniões em que se trate de assumptos que por qualquer fórma se relacionem com a deliberação tomada em 21 de janeiro sobre um ex-socio honorario, visto que essa deliberação foi nulla e vae de encontro ás disposições dos estatutos e da lei e á nossa honra e dignidade de socios da Associação.

Subscrevem esta exposicão trinta e tres collegas nossos.

Apesar de tudo isto, o dr. Manoel Monteiro não satisfiz as reclamações da Associação dos Empregados de Commercio de Guimarães. Sob palavra de honra lhe foi affirmado que o nosso caso não era uma questã politica, mas sim de dignidade associativa. S. ex.^a recebeu a commissão, ouviu-a, mas deu mais credito ás mentirosas palavras de quem primeiro o havia tão ardilosamente informado, do que á palavra de honra de trinta e tres homens de bem. Como resposta, prometteu resol-

ver o assumpto muito breve. Porém, algumas semanas são passadas, sem que tenha vindo a promettida solução. Em face d'isso, n'uma reunião particular, deliberaram os nossos amigos convocar a classe do paiz, representada por todas as suas associações de classe, ás quaes para esse fim vão officiar, para um grandioso comicio de protesto que deve realisar-se em Guimarães no dia 21 do corrente. N'esse comicio serão tomadas energicas resoluções tendentes a pedir do ministro do interior a sua interferencia na questã. Se mesmo assim, a nossa causa não triumphar, dirigiremos por intermedio da União do Porto um apello a todas as classes trabalhadoras portuguezas representadas pela sua Federação, em que tambem está filiada aquella collectividade, e vèr-se-ha depois como nos tempos hodiernos a anniquilar a vontade dos despotas ha a força incorruptivel do Direito e da Justiça.

Não nos renderemos, d'isso pódè ficar certo o sr. governador civil do districto de Braga.

A lei do descanço na maioria dos concelhos do paiz começou de entrar na agonia

O caixeiro portuguez tem no actual ministro do interior o mais temivel inimigo das suas regalias — E' revoltante a fórma como este homem sanciona as alterações nos regulamentos que lhe são submettidos por uma minoria de patrões — A's arbitrariedades do Poder respondamos com a reacção — O papel que o senhor ministro do interior está desempenhando nesta questã, servindo sem consciencia patronal, procedendo sem nenhum conhecimento de causa, é tam condemnavel e odioso que nós não podemos deixar de reclamar em alta voz a sua sahida do governo — Todos os caixeiros devem defender de armas na mão, firmes, resolutos e decididos, o descanço semanal obrigatorio com encerramento — Uma classe composta de tantos milhares de individuos não pódè ser esmagada pelo despotismo d'um ministro que se vale da sua autoridade para attentar contra os direitos alheios

Não pódè ser mais acabrunhante e dolorosa a immensa desillusão que estamos soffrendo, com pesadellos e sobresaltos na nossa alma irada a clamar revolta e justiça, baldadamente, como no deserto, onde os bratos mais sonoros e vibrantes se perdem na intangivel incomensurabilidade do espago.

Desola-nos o espectáculo a que estamos assistindo, se bem que o nosso animo não falleça e as nossas crenças na emancipação da classe continuem, como sempre, inabalaveis.

A Justiça social ha-de triumphar um dia no seo das legiões infatigadas dos explorados e dos opprimidos. Os pedestes onde hoje assenta a força iniqua do despotismo republicano, torpemente mascarado com as apparencias d'uma liberdade e d'uma equidade social sem limites que só existem nos codigos e nas leis, como elementos puramente decorativos, ha-de de mais tarde ou mais cedo ceder ao embate violento, inevitavel e irresistivel do poder avassalador, que as classes trabalhadoras alcançará, quando sólida e conscientemente organisadas para o mesmo fim redemptor.

Em toda a parte se desenha e cada vez mais se accentua o formidavel movimento internacional que ha-de disciplinar todas as vontades e congregar todos os elementos e energias á volta da mesma grandiosa aspiração que a todos os que trabalham e soffrem, e não tem pão para comer nem liberdade para gosar a vida, domina e seduz.

A classe dos empregados de commercio portuguezes, que tem um largo quinão nas desigualdades e expoliações de que são victimas as classes proletarias, não pódè ficar indifferente deante d'esse movimento. E' preciso que ella lhe preste com dedicação e enthusiasmo o concurso franco da sua mais intima solidariedade que deve ser traduzida em actos transcendentés, d'um alcance e significação insophismaveis. Devem educar a n'esta orientação e n'estes principios aquelles que são tidos como seus representantes, para que ella possa briosamente fazer frente aos ataques dos seus inimigos e responder com energia, severidade e altivez, aos desmandos do primeiro ministro que, exorbitando da sua autoridade, consinta na violação dos seus direitos, revogando as dis-

posições da lei á face dos quaes elles lhe eram garantidos.

Isto, precisamente, está acontecendo, na presente conjunctura, com a lei do descanço semanal. E é por isso que nós entendemos dever dizer hoje algumas coisas desagradaveis ao senhor ministro do interior, como protesto contra a sua conducta tam odiosa e deshumana para conosco. Escrevemos com serenidade, mas de fronte bem erguida, porque não ha nenhum poder na terra que seja capaz de soffocar a voz da Razão, da Justiça e do Direito quando ella se eleva em brados de indignação e de revolta para verberar as arbitrariedades dos maus, muito embora esse poder se baseie nas espingardas e nos sabres de que o senhor ministro, a um gesto seu, pódè dispor, para nos mandar fazi-lar ou cortar a garganta, apoiado e instigado pela quadrilha de exploradores a quem está fazendo a vontade para intensamente lezar os nossos interesses.

Nós vimos accusar sua ex.^a o senhor ministro do interior, de estar torcendo e esfarrapando a lei do descanço semanal, de estar desvirtuando e sophismando o seu espirito para o compatibilisar com o espirito das conveniencias gananciosas de certo elemento patronal da provincia o qual, movendo todas as influencias de que pódè dispor, fazendo politica de regedoria mais ignominiosa do que a quella que no extincto regimen era feita por creaturas sem cotação moral na roda dos homens de bem, tem levado as camaras de determinadas localidades a introduzirem modificações nos respectivos regulamentos do descanço, modificações que o senhor ministro está approvando sem logica nem critério, sem attender mesmo a que taes modificações lhes permite, retendo os ao balcão n'uma labuta constante, privar impune os empregados do descanço.

Está sua ex.^a decidido a escutar os nossos instantes e ruidosos clamores contra tam flagrante e cruel deshumanidade, ordenando, assim, a todas as camaras municipais do paiz que em todos os regulamentos, sem excepção de especie alguma, porque diga-se o que se disser, nada ha que as justifique, seja restabelecida a disposicão que impõe

COMICIO

a obrigatoriedade do encerramento geral do domingo, durante vinte e quatro horas consecutivas, em conformidade com o espirito da lei fundamental e com o espirito das reclamações que a determinaram, ha já alguns annos, e que então foram secundadas com ardente enthusiasmo por um importante movimento collectivo de todos os caixeiros portugueses?

É o que nós não cremos, porque o senhor ministro do interior não é homem que transija com a razão e verdade dos factos. Elle continuara, na sua cadeira de dictador, onde nunca para bem d'uma classe opprimida se deveria ter sentado, alterando tantos regulamentos quantos lhe chegarem ás mãos, até que um dia a classe, vergada ao péo humilhante de tal vilipendio, reaja energicamente recorrendo aos meios mais praticos e effizes.

Francamente, nós nunca esperavamos tal fracasso e desillusão. Quando julgavamos confiantes, que a republica, inspirando-se, como, nos tabladros das reuniões publicas em horas agitados de propaganda, prometiam os seus coriambos, nos elevados principios de justiça e equidade social, accentuaria sempre, fiel ao seu programma libertador, a sua acção tenaz e fecunda em beneficio das classes sobre as quaes pezavam esmagadoramente as maiores iniquidades sociais, nunca o nosso intimo foi atravessado pela duvida, recio ou presentimento de que esse regimen feito pela canalha das fabricas e das officinas, abandonando o seu governo a meia duzia de hypocritas, perjuros e histriões, seria capaz de votar as nossas reivindicações ao mais completo desprezo e de nos chegar a roubar tam escandalosamente, para favorecer as classes predominantes, as mínguadas regalias que á custa de longos annos de luctas e canceiras e gigantesca sacrificios tinhamos obtido da extincta monarchia.

Estamos, todos nós os que trabalhamos e que em vão pedimos justiça para as nossas reivindicções, sendo victimis d'uma burla miseravel a que só poderia atrever-se a quadrilha republicana que com a sua tam insensata orientação politica está dando aos olhos de todo o mundo o exemplo bem frisante da sua fallencia moral e da sua plena incompetencia para dirigir os destinos d'um povo dominado pela ancia da Liberdade e do Progresso. Se assim fallamos, é porque já não nos é possível conter a nossa indignação profunda, dia a dia exacerbada pela serie de incidentes que se produzem e que tendem sempre a ferir os nossos interesses e a nossa dignidade collectiva sem que a nossa linha de conducta tam serena, tam correcta, tam ordeira e tam pacifica, seja de qualque modo perturbada.

Reparos e Commentarios

Mas o que é peor é que o senhor ministro está animado das melhores intenções de sancionar todos os regulamentos que lhe sejam enviados, convenientemente modificados pelos patrões. Os nossos collegas de Aveiro tiveram a mesma sorte que os de Gaya. O descaço semanal entrou na agonia em todo o paiz.

Quando o ministro proproser ao parlamento a sua revisão, como deu a entender nas suas palavras, então ser-lhe-ia dado o golpe de misericordia. Ha um homem, um homem só, que tem no bico da sua penna de escrever a condemnação de muitos milhares de caixeiros. D'um momento para o outro elle póde anular a lei do descaço, roubando-lhes a unica regalia de que elles gosam.

É lembrar-nos nós que esse edificio tam notavel, custou tantos annos a levantar por meio d'uma campanha onde se conjugaram luctas, esforços, canceiras e sacrificios d'uma grandiosidade incalculavel! Não; esse edificio ha-de manter-se, porque todos os caixeiros podem, fazendo circulo á volta d'elle, embaraçar e evitar a acção de quem tenta violar. E se houver alguém que teime derubar o ás doses, como está fazendo o ministro do interior, se estas nossas expressões não conseguirem fazer o enveredar por outro caminho que mais convenha á nossa tranquillidade, bom será que a classe se declare immediatamente n'uma revolta accessa e audaz para aijar do seu pedestal os homens que assim d'elle escarnecem, calcando aos pés os seus direitos. É preciso, senhor ministro do interior, que abandonando a sua cadeira ministerial, porque assim o reclama toda uma classe honesta e trabalhadora em nome da defeza dos seus sagrados direitos. Basta de atropellos e violencias, porque já lá vai o tempo em que exercé-las não era perigoso.

A attitudé do ministro é devras irritante. Para que interfuir elle n'um assumpto que já tinha sido resolvido anteriormente a contento da grande maioria? Simplesmente para incorrer no agrado dos taberneiros que reclamaram a remodelação do regulamento.

Triumpho a taberna

Continuam abertas ao domingo as tabernas, em todo o districto de Coimbra, para não mencionar muitos outros. Por este motivo, segundo noticia a «Voz do Caixeiro», que não se tem cangado de insurgir-se com indignação e veheencia contra essa escandalosa illegalidade, não sabem os caixeiros n'ella empregados, que coisa seja o descaço, depois de janeiro.

Que coisa tam indecente e abjecta é esse trapo que se chama a lei do descaço semanal! O que nos vale é que o sera apenas até um dia; até quando a sociedade que hoje não possui. Se não fosse isto, já a esta hora teriam pezado bem crucientemente sobre o sr. governador civil de Coimbra e outras autoridades, as consequencias dos atropellos exercidos contra a lei do descaço semanal, que foi feita para beneficiar os empregados e não os patrões. Mas o futuro pertence-nos e a hora da Justiça Social ha de soar. Ao alcance de todos os caixeiros está apressar o advento d'essa hora.

Sem razão

Referindo-se n'um dos seus echos quizenas ao projecto da regulamentação das horas de trabalho que o nosso amigo e deputado sr. Manoel José da Silva, por iniciativa dos Empregados de Comercio do Porto, vai apresentar ao parlamento, o nosso illustre collega de Évora «O Despertar» aconselha o «Sr. socialista republicano a que não perca o seu precioso tempo com essa obra, porque sendo uma segunda edição da do descaço semanal, lhe a não agradeçemos».

Com certeza o sr. Manoel José da Silva não aceitará tal conselho, tam insensato elle é. São tão descabidas e inopportunas as palavras do nosso confrade que nós é que não podemos deixar de aconselhar-lhe mais prudencia e moderação de linguagem sempre que a sua incompetencia seja, como n'este caso, manifesta para analysar com logica e com criterio, questões de certa ordem.

O projecto vai ser discutido n'uma grande assembleia de empregados que brevemente será convocada com a apresentação de delegados dos caixeiros de todas as localidades do paiz que a ella queiram concorrer, e n'elle serão introduzidas todas as alterações que a maioria julgar conveniente. Se o projecto não agrada ao auctor do echo em questão, póde ir trabalhando na elaboração d'outro que lhe seja superior e de facil applicação, para o apresentar n'essa assembleia, onde terá, com certeza, a nossa plena approvação. Não acha razoavel a nossa ideia?

Ainda o caso de Lamego

O sr. João A. Antão, n'uma carta de Lamego para o nosso estimado confrade de Lisboa «O Caixeiro», occupando-se ainda do conflicto suscitado ha mezes n'aquella cidade entre a Associação dos Empregados de Comercio da localidade e o dr. Alfredo de Sousa, administrador do concelho, contra quem este journal moveu uma intensa campanha de protesto pelas infames violencias por si exercidas contra aquella collectividade, assevera-se por não estar solucionado o conflicto e increpa disparatamente a União dos Empregados de Comercio do Porto, insinuando que muito principalmente a ella cabe a responsabilidade

de tal facto. Acha o sr. Antão que era á União do Porto a quem competia tratar do conflicto; e argue-a de não querer cumprir com os seus deveres de completa solidariedade associativa. De grande espezteza dá provas o collega, não ha duvida. O peor é que isto de se espezte de mais em determinadas occasões, tambem tem os seus inconvenientes e espinhos. Ora nós temos a dizer ao amigo que a União está muito acima das suas insinuções, embora feitas em boa fé. Ellas apenas mostram que o collega se permite fallar sem conhecimento de causa, o que é feio, muito feio mesmo. Chega a ser até uma indelicadeza e incorrecção.

A União cumpriu o seu dever. Depois de ter estado longe e conscientemente o conflicto á face dos elementos que para esse estado lhe tinha fornecido a sua congénere de Lamego, deu o seu parecer para a solução do conflicto. Resumia-se esse parecer em que aquella Associação officiasse ao depuado Manoel José da Silva, fornecendo-lhe todos os documentos necessarios, para que elle levantasse a questão no parlamento, obrigando assim o senhor ministro do interior a demittir o dr. Alfredo de Sousa do lugar que tam indigna e vergonhosamente tinha desempenhado, se quizesse praticar esse acto de justiça. Esse parecer mereceu a approvação da Associação de Lamego. Que culpa tem a União do Porto que o sr. Silva se tenha desleixado, faltando ás suas promessas, visto que até agora não nos consta que ella tratasse da questão na Assembleia Constituinte? Quería, porventura, o sr. Antão que os membros do conselho director da União fossem a Lisboa pedir ao ministro a punição do famigerado Alfredo de Sousa? Não sabe que isso seria d'uma inefficacia completa? De resto, os nossos collegas de Lamego tem sustentado uma campanha cheia de vigor para que o criminoso seja punido. Quando essa campanha não deu os fructos necessarios, muito menos os daria tudo o que a União do Porto fizesse no mesmo sentido. Os nossos ministros não querem que os incommodem. Precisam de fazer imperturbavelmente a digestão. Por isso tapam os ouvidos, passando-lhes despercebido qualquer clamor de protesto ou reivindicação levantado pelos que vêem tam infamemente violados os seus direitos.

Alfredo da Silva Paes

Deve partir, dentro de poucos dias, para Urucará, em Manaus, este nosso estimado amigo, que ali continuará seguindo a carreira commercial. É lamentavel a sua partida. Alfredo Paes, posto que pouco conhecido, era um grande amigo da União, ao lado da qual esteve

COMICIO

“O CAIXEIRO DO NORTE,, convida todas as associações de empregados de commercio do paiz e as classes trabalhadoras em geral, SEM DISTINÇÃO DE CORES POLITICAS, a mandarem os seus delegados ao grandioso comicio que deve realizar-se no dia 24 do corrente, em Guimarães, para protestar energicamente contra a iniqua ordem do governador civil d'aquelle districto, prohibitiva da realização d'uma assembleia geral que a maioria dos filiados da Associação dos Empregados de Comercio de Guimarães pretende convocar para apreciação d'uma resolução tomada n'outra assembleia que funcionou illegalmente.

Que nenhuma só, por um dever de solidariedade, deixe de se fazer representer n'essa reunião, exprimindo pela voz indignada dos seus delegados, o seu vehemente protesto contra a prepotencia exercida por um funcionario da Republica sobre a sua congénere vimaranense. É preciso que a classe inteira responda com firmeza e actividade ás affrontas infligidas á sua dignidade collectiva. Ao comicio, pois, camaradas!

sempre em todos os seus trabalhos. Esperamos que mesmo longe do seu torrão natal, se accentue a sua dedicacção á nossa causa, fazendo a propaganda do «Caixeiro do Norte» que tantos e tam dedicados amigos conta nas longinquas paragens de além mar, quer no Brazil quer em Africa. Apresentando-lhe os nossos cumprimentos de despedida, desejamos-lhe boa viagem e muitas felicidades.

Uma desfeita

Povoá de Vazim, 6-3-012 — Sr. — Rogo a v. a fineza de suspender a minha assignatura do jornal «O Caixeiro do Norte», mandando em seguida cobrar pelo corrcio, a importancia d'um semest. Motiva esta minha resolução o facto de se achar acioado no seu jornal com os epithetos de hypocrita, embusteiro, histrião e imbecil. Esta local é dirigida aos directores da Associação dos Empregados de Comercio d'esta villa, a que eu tenho a honra de presidir. — Sou com estima. — De v. etc. — Francisco Trocado Ferraz.

Francamente, sr. Ferraz, não valia a pena estar a incomodar-se e a perder tempo para desagrvavar os seus collegas das censuras, que n'um sentido genericco, dirigimos no nosso numero passado a todos aquelles que tendo a obrigação moral de o fazer, são incapazes d'um pequeno sacrificio monetario para a manutenção d'um orgão que para o b.m. presidente da Associação de Guimarães, nos justificamos as nossas mordazes considerações a tal respeito, na attitudé que tiveram para com este jornal os membros da direcção da Associação dos Empregados da Povoá. Nada mais natural que ser erroneo o nosso conceito. A carta do sr. Ferraz, porém, vem provar-nos d'um modo positivo, que elle é absolutamente verdadeiro. Ora confesse sr. Ferraz: Intimamente, o senhor não acha que nós tivemos toda a razão? Entre todos os seus collegas de direcção não haverá um que seja hypocrita, outro embusteiro, outro histrião, outro imbecil e ainda outro tudo ao mesmo tempo?

O que o senhor é, é um bello camarada, que pretende com a sua carta pôr os seus collegas a coberto das nossas censuras. Se é por dever de officio, por um preconceito, por espirito do pragmatismo, porque em casos identicos a maioria costuma proceder assim, então nós concordamos e desculpamos de boa vontade o seu gesto de dignidade.

Do contrario, somos obrigados a julgar o como aos seus camaradas, com os quaes o senhor tem a honra de ser solidario. Na verdade, o senhor faz nos graças, sr. Ferraz. Se o vissemos vestido de clown, trabalhando em qualquer companhia de circo, haviamos de rir com satisfação e a bandeiras despregadas das suas tré as nices, porque, ao que parece, com os seus grotescos assomos de dignidade, deve saber faz-las á merveille.

Talvez ali grangeasse com menos hypocria e disfarce as sympathias e os applausos da galeria. No logar que o senhor occupa na Associação d'aqui, deve com certeza isso ser-lhe um pouco mais difficil. Aqui estamos nós que o não applaudimos, o que não aconteceria, póde crêr, se o vissemos de gorro e guisões, alviado nas faces, n'um circo de variedades.

Quanto estimariamos nós isso, amigo Ferraz. E' que o senhor, devolvendo o jornal, fez-nos uma desfeita e deu-nos um desgosto que nos fizeram chorar. Isso é que nós lhe não perdamos. E como nos queriamos vingar de si, desajariamos que nos fizesse rir com os seus esgares, comprehendem? O sr. Ferraz tem ainda uma virtude que muito o eleva a nossos olhos. É a virtude da generosidade. Tendo apenas recebido dois ou tres numeros do nosso jornal, propõe-se a pagar-nos um semestre. Muito obrigado, amigo Ferraz!

Precisamos muito de dinheiro para continuarmos defendendo a classe, n'este momento tão grave e critico para ella. Mas o que não podemos é aceitar esmolas, favores ou beneficios de hypocritas, embusteiros, histriões e imbecis. Nada nos deve, portanto, pela assignatura do jornal.

Todavia se quiser mandar o dinheiro, só lho accettaremos sob condição de declarar que é para nos remunerar do trabalho que tivemos em retrat-l-os com

lão impiedosa exactidão. E desculpe as nossas impertinencias, sim, sr. Ferraz! Se algum dia precisar de bater á nossa porta para assumptos de defeza da classe, não hesite um só momento, porque terá n'ella entrada franca com a lealdade que nos caracteriza.

E agora vamos continuar a zurzir os nossos inimigos, os inimigos da classe e a dedicar a nossa actividade ás questões de caracter collectivo que na presente conjunctura mais nos importem. Desculpe-nos, pois, mais uma vez.

Agostinho Cabral

Tivemos a satisfação de receber carta d'este nosso querido amigo, que ha alguns mezes se encontra empregado n'uma casa commercial do Para. As palavras de applauso e incitamento do sr. Ferraz, ao referir-se ao nosso jornal que elle ama com um carinho singular e cujas prosperidades tanto ambiciona, sensibilizando-nos em extremo, mostraram-nos á evidencia o interesse e dedicacção do Agostinho por tudo quanto dig respeito á classe que tem sabido honrar tam nobremente. Como expressão do nosso reconhecimento, d'aqui lhe dirigimos as nossas saudações mais cordeas.

Um officio de protesto

Amigo de Sr. Manoel Monteiro, Felgueiras, em numero de 11, filiados na Associação dos Empregados de Comercio de Guimarães, mandaram-nos um officio de protesto contra o artigo do nosso numero anterior, referente ao conflicto suscitado entre aquella collectividade e o sr. governador civil do districto. Absolutamente indifferentes aos insultos que nos honram, insinuando que não somos o auctor do artigo, temos por hoje a declarar-lhes que a nossa maneira de ver em nada se modificou. Com grande pesar nosso não podemos publicar o officio em questão, conforme o pedido dos seus signatarios. Falta-nos o espaço para isso, devido á sua extensão. Isto não quer dizer que no proximo numero, se o entendermos conveniente, lhes não demos resposta condigna, refutando todas as considerações n'elle expostas que, de resto, mais comprometem ainda a equivoa situação do sr. Marianno Felgueiras.

Associação de Classe dos Caixeiros de Lisboa

Commissão de reivindicações

Nas suas ultimas reuniões tratou esta commissão da sua constituição, nomeando secretario o sr. Antonio do Carmo Limpo.

Deliberou secundar junto do senhor ministro do interior a pretensão justa da Associação de Empregados de Comercio d'Aveiro, para que o regulamento do descaço semanal não sofra alterações, e bem assim sejam os mesmos cumpridos em todo o paiz, d'onde continuamente se recebem reclamações de protesto contra o desprezo e abandono, por parte das autoridades, a quem cumpre a sua guarda.

N'esse sentido vae elaborar uma representação, na qual demonstrará a forma porque a lei tem sido menoscuada. Aproveitamos a redacção da representação ao sr. ministro das finanças, reclamando contra a forma porque nos gremios é distribuida a contribuição industrial, e propondo o lançamento proporcional como meio mais justo e equitativo.

Apreciamos o officio da União dos Empregados de Comercio do Porto, e bem assim a sua proposta sobre a regulamentação das horas de trabalho, ao qual deliberou dar sua resposta, deliberando igualmente que se convoquem as ajustadas reuniões da classe, em Lisboa e Porto, as quaes se occuparão, como já anteriormente ficou concordado entre a Associação de Lisboa e a União do Porto, da remodelação do estatuto federal, criação do cofre de resistencia e das magnas questões do descaço semanal e horas de trabalho, que a ambas as collectividades sempre tem merecido e continua a merecer aturada e constante attenção.

Apreciações da Imprensa ao nosso artigo sobre o caso de Guimarães

Do «Diario do Porto»:

«E' um vehemente protesto levantado pelo orgão da prestimosa classe dos caixeiros do Norte. Tem pontos de vista dignos de applauso. Parece incrível tanto rancor, e tamanha imbecillidade, como a de pretender «deliberar ou resolver o que fór julgado conveniente e justo acerca da resolução tomada na assembleia geral de 21 de janeiro ultimo sobre a expulsão de um socio honorario e inutilizado o respectivo retrato, assembleia essa que não foi convocada nos termos legais».

«Os briosos empregados commercias que teem juizo e não se alugam a maldizentes, protestam e batem á porta do sr. governador civil de Braga para que esteja attento e não sancione a torpeza, que se pretende consumir n'uma assembleia geral, rancorosa e illegalmente convocada! Serão attendidos os que protestam contra semelhante attentado! Não nos parece. O sr. dr. Monteiro, filho de Braga e que alli era geralmente estimado, criou na sua terra uma situação embaraçosa. Por fraqueza ou espirito demagogico, com que ninguém contava, tem consentido com a sua immobilitate bouddhista actos vandalicos, que muito prejudicaram na cidade dos arcebispos a boa fama das instituições vigentes. Sentimos dizer estas cosas, porque temos sympathia por sua ex., mas amicus Plato, sed magis amica veritas...»

Mas oxalá o bom senso triumphe e a voz do «Caixeiro do Norte» se não perca no deserto d'esta desorientação, que nos asfixia.»

«Da carta de Braga para o mesmo jornal, com data de 2:

«Deparando sobre a minha meza de trabalho com «O Caixeiro do Norte», que gentilmente me foi offerecido, periodico que defende ininterrumpidamente a classe de que é orgão, impressionou-me devras o seu editorial encimado com a epigraphie: «Uma iniquidade e uma vilania—Ao sr. governador civil de Braga e á classe em geral.»

Magistralmente escripto, mostra que a laboriosa e honrada classe dos empregados do commercio de Guimarães é victimada d'uma prepotencia asquerosa, urdida por um individuo, que foi seu presidente, e que o illustre governador d'este districto, sr. dr. Manoel Monteiro, ignorando o que se passou, tem a audacia de propor a realização da assembleia geral, que fatadamente irá azoragar as pupilas virulentas do Marianno franco phobo.

O conflicto demanda, portanto, de uma solução honrosa. Aquella que o sr. governador civil lhe pretende dar, por imposição moral do sr. Marianno, não é logica nem racional. A arbitrariedade que está cometendo atinge os limites d'uma tyrannia infamante. Dentro da Associação dos Empregados de Comercio de Guimarães estão homens livres e não escravos da despotica vontade d'um homem quem quer que elle seja. O sr. Manoel Monteiro ainda está em tempo de reparar a prepotencia cometida, revogando immediatamente a absurda ordem de prohibição que lhe foi suggerida por uma creatura rancorosa e mesquinhos sentimentos.

Esperamos que s. ex. o sr. governador civil não irá de encontro á justiça que assiste á nobre classe dos empregados do commercio de Guimarães.»

Da carta de Guimarães para o «Comercio do Porto» com a mesma data:

«Oanson aqui impressão um artigo de «O Caixeiro do Norte», em que trata das lamentaveis occorrencias dadas na Associação dos Empregados do Comercio, d'esta cidade, e da interferencia que n'ellas tomou a auctoridade superior do districto.»

De «O Patriota», de Guimarães:

«Acto menos correcto e sem lei que o auctorise, como é que o sr. dr. Manoel Monteiro, se atreveu a passar por cima d'ella!»

Em que artigo da Constituição se baseou o sr. governador civil, para o levar a um acto tão violento?

«E' esta a liberdade que o regimen da igualdade, nos concede?»

De certo, não. A Republica para se impôr ao nosso respeito e consideração, ao nosso amor e patriotismo, deve immediatamente fazer com que o sr. governador civil dê novas ordens, porque a prohibição que fez, só se comprehende se isto tudo estivesse com garantias suspensas!»

Mas, agora nos lembra, n'essa altura as garantias estavam suspensas na capital, e provavelmente o sr. dr. Manoel Monteiro, chamado á «ordem» pelo sr. Marianno, pensasse que essa suspensão se estendessem tambem ao seu districto!

Se fór assim, sempre o sr. governador civil tem um pouco de razão, pois a sua ordem podia ser dada, julgando que estava em... Lisboa.

Lembramos, pois, a sua ex., que em Braga, nunca estiveram suspensas as garantias, sendo portanto justo que dê ordens em contrario.»

Echos de Além-mar

Efeitos, causas e coiza da lei de regulamentação das horas de trabalho - O «carranço» não se conforma com a lei - A classe agindo

Depois d'essa grandiosa manifestação ao Prefeito e altas autoridades do paiz realisada pela União dos Empre- gados no Commercio no ultimo dia do anno findo, depois d'essa passeata de um effeito bellissimo, ferico e brilhante, que assombrou a população carioca e nos deixou perplexos a contemplar n'um extasi aquella onda de povo que semelhante ao oceano nos seus momen- tos de agitação e de furia, cada vez mais recrudescia em frémittos de enthu- siasmo delirante que se repercutiam sonorosos no extremo d'aquellas qua- renta mil pessoas que formavam o grandioso prestio, depois d'esse inolvidavel dia ao qual seguir-se-hia o pri- meiro da execução da lei da regula- mentação das horas de trabalho, mil e uma peripezia d'estas de desopilar o fi- gado em maré de bom humor, tem sur- tido encarrapitadas na ferocidade do «carranço» espuma, ladra e tenta conspurcar com sua baba p-stilenta os transeuntes indefesos que por favor lhe dirigem um olhar de compaixão... ou de desprezo ante a sua sofreguidão repulsiva e nau- seabunda e o seu aspecto de féra encer- lerizada, accrentada a um poder que julgava fraco e sem accção.

«Carranço» é a barreira do progres- so e como o progresso é a estrella vi- dente que nos guia, é contra essa bar- reira que devemos assestar os nossos canhões, destruindo-a senão com as mesmas armas, com a mesma energia e estoiçidade que Nero destruiu Roma.

Só quem assiste ao desenrolar dos factos determinados pela lei da regula- mentação das horas de trabalho, pôde avaliar da força poderosa da ignoran- cia, em accção viva nos cerebros em- pernidos do carrancismo que infecta o Rio de Janeiro.

Desde o primeiro dia do anno cor- rente, feriado que a nova lei obrigou a respeitar fazendo associar o commercio ao jubilo festivo da nação, que a parte mais retrograda do patronato d'esta grande cidade, vem representando com o maior dos cyzimos uma chistosa co- media tendente a subjectar as autori- dades ás scenas irrisórias d'esses actores de feira que para obterem o trium- pho da sua casmurrice desempenham os papeis mais ridiculos, chorando mi- serias de que estão longe e mostrando ao publico a loucura ou o desvario que lhes causa qualquer medida progressiva, hygienica e humanitaria.

Surgem reclamações de todos os pontos, mas reclamações que bem cla- ramente mostram a orassa ignorancia dos espiritos que as ditam.

Poderia ao de leve fazer uma peque- na analyse a todas essas reclamações e planos de que se servem alguns habili- dosos para incutir no espirito das au- toridades os grandiosos prejuizos que o commercio está soffrendo com a lei da regulamentação das horas de tra- balho.

E', porém, quasi inutil occupar-me d'estes cavadores desenfreados, porque felizmente o publico e as autoridades os comprehendem já.

Dono como mostra a reclamação d'um allecinado, que n'um officio diri- gido ao sr. Prefeito e publicado n'um jornal diario, fazia vér que era uma vergonha para um paiz d'estes tão vi- sitado por estrangeiros encontrarem estes estabelecimentos fechados após as 7 horas da noite. Inhibe me de tra- duzir essa preciosa joia para não ter que alargar mais; mas são d'esta força quasi todos os reclamantes.

O estrangeiro acha vergonhoso que o commercio do Brazil encerre as suas portas ás 7 horas da noite!...

Só mesmo rindo polemos adreia- mos a lei que nos retarda o progresso e a civilização, que é o ideal moderno que todos devemos abraçar.

Rio de Janeiro, 14-2-1912. Magalhães Junior.

Como os nossos sentidos fervem ante a perspectiva do invisivel, ao vér o despontar enervante de inconfessaveis primores!

Mas não ha perigo, porque imme- diatamente se perdem entre a multidão que se escóa pelas ruas e desapare-

cem como aquelles phantasmas vapo- rosos da chuva... E para hoje, como o tempo está nu- blado, a machina não dá mais... Porto, 18-2-1912. Mephistopheles.

Conferencia de Dias Costa

Pronunciada na noite de 6 de janeiro findo, na sessão solmne com que a Associação dos Empregados do Commercio de Famliação commemorou o 6.º anniversario da sua fundação (Concluido do n.º 2)

E' evidente que nem todos toem a ne- cessaria preparação intellectual e cultu- ra litteraria para entrar no estudo d'es- ses assumptos mais ou menos transcen- dentes e complexos.

N'este logar, vem a pêlo dirigir os meus louvores á illustrada direcção d'esta associação de classe que resolveu abrir um curso de lições practicas—por- tugez, francez e contabilidade, já re- gularmente frequentado pelos empregados do commercio, desde o simples mar- gano, apenas iniciado no metier, até ao caixeiro grave de importantes casas commerciaes.

mas entendo que isso só não basta, e não preenche o men sentir a tal re- peito.

A aula diaria é boa, mas a sua fre- quencia ha de tornar-se, a breve trecho, fastidiosa, incommoda, representando uma obrigação difficil e um pesado en- cargo.

Eu desearia que o vosso domingo fosse dividido convenientemente, com um horario methodico, previamente es- tudado e ponderado, dando a cada hora sua occupação, preferido para os tra- balhos de estudo e consulta litteraria as primeiras horas da manhã, aprovei- tando a melhor disposição dos espiritos.

Depois, como meio da illustração, to- mae o habito e o gosto pela leitura.

E aqui deixa-me perguntar-vos com o nosso mavioso, inolvidavel e dulcissi- mo Castilho:—«Sab-is vós bem o que é a leitura? E' de todas as artes a que menos custa e a que mais rende. Ha li- vros que, semelhantes a barquinhas ni- lagrosas, incorruptíveis e inafraqueci- nos levam pelo oceano das idéas a co- nhecer, a descobrir todo o mundo que lá vae. A leitura é certamente o melhor meio de illustração. Disse e repito o. Mas distinguí entre leituras e leituras. Léde os mestres, onde ha muito que apre- nder, e deixe no monturo toda essa fa- randulagem de romance barba, disol- vento, mal traduzido e imoral. Um leituro oru e salvagem, que vae até ao mais nobres sentimentos, destruindo, verunhando tudo o que ha de grande e respeitavel na natureza humana.

Creae e desenvolvei a vossa biblio- theca, institui a escola dominical dos empregados do commercio, com as se- guintes disciplinas, além das já profes- sadas na aula diaria: curso de declama- ção e composição, ginastica, e hygiene, noções de sciencias naturaes e economia politica, arithmetica e escripturação com- mercial.

Mas tudo isto feito a seu tempo, com ordem e methodo, como quem quer fazer obra que fique e não edificar sobre a areia movedia e inconsistente.

Não se supponha, porém, que eu queira os nossos rapazes, feitos collegias, distribuindo o seu tempo entre o estudo e os seus deveres moraes, indifferentes á vida que cá fora tumultua em passios, em diversões honestas, em jogos licitos, em divertimentos compatíveis com os seus recursos e com a sua posição.

Não, muito longo d'isso. O estudo, as occupações litterarias, além do seu valor intrinseco, pela soma de conhecimentos que levam ao es- piritto, servem de os afastar da frequen- cia de companhias e de logares, e de acções que os deslustram, e indispõem com os seus patrones e até com a sua consciencia. O meio é um factor terrível, e das mais sinistras consequências.

E' necessario reagir, é mister ser su- perior a essas suggestões, antes que o uso se torne em habito, antes que o ha- bito se converta em vicio.

A mocidade não pôde nem deve ame- zendar-se, entorpecida e indifferente, ao canto do fogão, ou no isolamento do seu quarto, anestesiando o espirito, predis- pondo-se para uma neurasthenia incuravel. Seria estupido aconselhar tal the- rapentica, como preservativo contra as influencias mezoelogicas.

Dividam o tempo entre os passeios, ao ar livre, bebendo a vida a longos haustos, nos raios do sol que aquecem e fundam, e no manusear de livros uteis, de estudo e de honesto recreio, ao mesmo passo que podem tambem dedi- car algumas horas ao jogo permissivo, e, quanto possivel, ao jogo de vaza.

Eu comprehendo que um empregado do commercio que não vive com sua fa- milia deve sentir uma grande neces- sidade de encontrar em que passar o tempo ao domingo, principalmente n'uma terra onde falham as diversões e re- creios que offerecem as cidades.

Necessariamente terão de fazer do jo- go a sua occupação predominante, se não tiverem, como lhes aconselho, um centro de reunião honesta e profana, onde a instrução occupe um logar pri- mario, fazendo leitura em commun, dis- cutindo os casos do dia, fazendo a cri- tica dos factos, á luz d'um são criterio, apresentando suas composições, recitan- do, declamando, corrigindo-se uns aos outros, instrun-do-se mutuamente, pela

discussão de assumptos previamente se- leccionados, sob a presidencia de quem, pela sua autoridade e saber, possa aconse- lhá-los e dirigí-los.

N'essas reuniões, especie de tertulias litterarias, educarão o espirito e apre- nderão a formar o caracter, que é, sem duvida, a maior necessidade dos tempos modernos. Não faltam hoje, não faltaram hontem homens de talento na terra por- tugeza, e todavia que pobreza, que car- çencia quasi absoluta de homens de car- acter!

Já o dizia bem, e com razão aquelle celebre pedagog francez, Mons Gréard:—«Il faut savoir, beaucoup savoir aujour- d'hui pour prendre rang, mais ce qui vau- dra mieux dans l'homme, c'est l'homme même»

O labor, a instrução é uma neces- sidade instante, inadivavel, para tomar um logar condigno no banquete esplendido da civilização. Mas o homem valerá sem- pre mais por si mesmo, pelo seu carac- ter, pela sua integridade moral, pelo vincio que deixar na sociedade a nobreza das suas acções, a firmeza dos seus principios, a inequebrantabilidade das suas pñioes. Esse será o homem moder- no, capaz de orientar uma sociedade, capaz de vincular o seu nome a obras duraoiras.

O homem de caracter é ainda hoje, mais raro do positivismo da época, uma força social, ainda quando discordamos do seu modo de encerrar os acontecimen- tos.

De me para adversario um homem de caracter que, se eu tiver razão, mais cedo ou mais tarde elle ha de render-se á evidencia, ha de fazer-me justiça.

Pêro um homem de caracter, com uma educação pueio mais de radimen- tar, tem intencionado, a um homem de vasta illustração, mas sem a gran- deza móra d'aquelle, sem aquella fibra que era a característica dos vilhos portu- guezes, «a um só rosto, uma só fé, de an- tes de ir a torcer».

E' nesses homens assim, de que vós seréis dignos iniciadores, que eu tenho a firme e apaixonada convicção de que o futuro da Patria, o resur- timento da nossa nacionalidade, e n'es- sa prestigiosa classe commercial, que representa uma das forças vivas da nação, que pôde enflorar-se com os perga- minhos d'uma heraldica que dispensa sangue azul, com os galões d'uma au- thentica nobreza que dispensa avoengos, que tem por escudo o trabalho, e por pergaminho a honra, é n'essa prestimo- sa classe, é por consequencia em vós, que sois o commercio de amanhã, que a Patria tem os olhos como uma das suas mais faquezas, mas tambem das suas ultimas esperanças.

Mas senhores:—Antes de terminar, e vos fazê-lo immediatamente, permit- timo que eu erga aqui um hymno de louva á confraternização e harmonia que rejo exemplificada n'esta festa en- tre patrones e empregados, o que pro- egua abona o caracter d'uns e d'outros. O parão não se dedigna honrar com a sua presença esta festa promovida pelos seus empregados, porque tem a nitida comprehensão dos seus deveres, porque acha sympathica e justa a campanha do empregado em pró das suas regalias porque é homem do seu tempo, espirito liberal e altruísta, que, aproveitando os serviços do empregado, não quer coar- ctar-lhe a liberdade, e acha bem que elle reivindicue para si uma parte de bem estar que a civilização, o progresso da hora presente a todos repartem, n'uma communhão ideal de amor e solidaria- de universal. E' justo que lhes tribu- temos o preito das nossas homenagens, devido ao seu caracter, á sua illustração, ao seu espirito liberal, ao mesmo tempo que esta manifestação pôde servir de protesto para os rotineiros e antiquados, que não comprehendem senão o commer- cio chinele de liga, pregados ao balcão enodado e toco até altas horas da noite, obrigando o empregado a esforços incompatíveis com a hygiene e com a humanidade.

Não é de balde que as sociedades avan- çadas. Esses espiritos apuoados, ouvindo sibilar o automovel de progresso, n'uma velocidade que lhes faz vertigem, ficam para traz envoltos na poeira dos pre- conceitos, enrodilhados nos farrapos da rotina, de que não souberam desven- cilhar-se, a tempo.

Pôde dizer-se, que não foi para elles que assomou, no oriente das civilizações modernas, o sol esplendoroso do pro- gresso que illumina todos os espiritos.

Temos que ser homens do nosso tempo. Retrogradar é negar o progresso, é apostar das doutrinas civilisadoras que nos trouxeram a aurora brillantissima, aurifugente e infantivante que deu ás sociedades modernas uma orientação nova, impellindo-as á conquista de maiores e mais largas prerogativas, no campo dos principios, nos luminosos estadios da mentalidade, sob os seus multiplos aspectos e variadas nuances.

Tenho dito.

HORAS DE TRABALHO NO COMMERCIO

Na sessão de 8 do corrente, apresen- tou o nosso amigo e deputado Manoel José da Silva á camara um projecto de lei destinado a completar, tanto quanto possível, a legislação protectora dos as- salariados do commercio.

Eis o projecto com os considerandos que o precedem:

«Considerando que toda a liberdade carece de ser regulada para se tornar efectiva e garantida;

«Considerando que em todos os prin- cipaes centros mercantis do mundo, as relações entre os patrones ou donos d'esta- belecimentos de commercio e o seu pessoal assalariado, estão convenientemente regulados por lei;

«Considerando que mesmo em Portu- gal, a abertura e encerramento diario dos estabelecimentos commerciaes, estão regulados por fôrma tão acceptavel, que só resta confirmal-os por lei, e tornar esse regimen extensivo aos demais estabelecimentos;

«Considerando que uma das mais jus- tas e legitimas aspirações dos empregados do commercio em Portugal, consiste em conseguir um regimen legal d'abertu- ra e encerramento dos estabelecimen- tos, tanto quanto isso seja harmonisal- vemente com o interesse publico;

«Tenho a honra de propor á camara o seguinte

PROJECTO DE LEI Artigo 1.º E' estabelecido o prin- cipio de que em todas as cidades do paiz, os estabelecimentos commerciaes não abrirão antes das 8 horas nem encerrarão depois das 20, de cada dia de trabalho.

Art. 2.º Os estabelecimento de ge- neros alimenticios que vendem a retalho, ficam exceptuados d'este regimen, salvo nos casos em que dois terços ou mais dos negociantes do mesmo ramo, e dirigindo-se á mesma clientela, assim ou requeira á municipalidade, ficando os restantes obrigados, mediante edital, a cumprir o horario estabelecido.

Art. 3.º O pessoal dos estabeleci- mentos não será obrigado a trabalhar mais de 12 horas por dia, nas quaes está incluído o tempo para a refeição, podendo no entanto trabalhar, depois dos estabelecimentos encerrados, 30 dias em cada anno, por occasião do bal- ção, de festas ou principios de esta- ção, com prévio conhecimento da munici- palidade.

Art. 4.º Os estabelecimentos com- merciaes estarão encerrados nos dias feriados decretados pela Republica.

Art. 5.º Não poderá ser permitida a venda, fóra dos estabelecimentos, dos artigos similares aos dos estabelecimen- tos encerrados.

Art. 6.º No encerramento de um es- ta- blecimento, será observado o que dispõe a lei do descanso semanal, no que respeita a fiscalização e penalidades.

Art. 7.º Fica revogada a legislação en contrario.

Sala da Camara, 8 de Março de 1912. — O deputado, Manoel José da Silva. «O Caixeiro do Norte», ao ter conhe- cimento d'este projecto, não podia ficar silencioso perante assumpto de tão cá- pital importancia para uma das prin- cipaes reivindicções do caixeirato.

E' assim, elle vem declarar abertu- ra, lealmente, desassombadamente, que não pôde perfilhar a doutrina abso- luta do projecto, porque se tal se desse seria brigar com os principios d'equi- dade que devem nortear as acções col- lectivas.

O disposto do artigo 1.º, applande-o calorosamente. O artigo 2.º, repelle-o, porque representa um principio d'ex- cepção e que vae ferir injustamente os nossos camaradas de mercearia. Quanto ao artigo 3.º, tambem não pôde con- cordar com elle, na parte que diz que haverá uma tolerancia de trinta dias, por causa dos balanços, de festas ou principios d'estação.

Não pôde dar-lhe o seu voto, pois. E demais, elle não é, nem representa o sentir da classe.

Projectos da importancia d'este, tem de ser submettidos á consulta das par- tes interessadas.

Primeiro de tudo é preciso chamar a classe, mas a classe toda, inteira, sem distincção de facções nem de grupos, para que ella, soberana como é, emitin- do o seu parecer sobre o assumpto, e depois de criteriosamente estudado e pensado, limadas as arestas que, por ventura, ainda a possam deformar, sancione ou reprove medida de tal tomo.

«O Caixeiro do Norte», integrado conscientemente nos modernos prin- cipios collectivos, reconhece a regula- mentação das horas do trabalho, uma das mais importantes reivindicções do caixeirato, mas que ella não seja mero exclusivo de ninguém. Elle quer a ampla, liberal, radical, mesmo, de manei- ra o sol que vae aquecer uns, vá aque- cer os outros tambem.

Eis, a vol d'oiseau, o que o «Caix- eiro do Norte», fiel aos seus prin- cipios, pensa sobre o assumpto.

De resto, o Conselho Director da União dos Empregados de Commercio do Porto, em sessão extraordinaria, que hontem se realisou, para definir a orien- tação dos trabalhos relativos a este magro assumpto, resolveu submeter o projecto á discussão de toda a classe nas duas grandes reuniões que se vão realizar no norte e sul do paiz, sendo- lhe então introduzidas as modificações que so julgarem necessarias.

Não podemos deixar de applaudir calorosamente esta justa resolução, por- que representa exactamente o nosso sentir.

UMA CARTA

Recebemos a seguinte: «Sr. redactor do «Caixeiro do Norte». —Coube ha dias a um collega meu n'uma cauteilla de 100 réis o premio de 200800 réis. Para celebrar esse aconte- cimento, o contemplado offereceu um banquete a todos os empregados com- merciaes d'esta villa.

Surpreheudem-nos a amabilidade que o collega teve para conosco, mas a verdade é que tal banquete não se reali- sou.—Abrantes, 13-3-1912.—Um as- signante.»

N. R.—Publicamos n'outro logar uma cor- respondencia da mesma villa em se noticia a realisação do banquete. Certamente, está o col- lega enganado.

O que é pena é que não tivesse a ella assis- tido.

Boletim commercial

Participações

Em circular dirigida a esta redacção, communicam-nos os srs. Angelo Macha- do e Albano Teixeira Lemos, de Celou- rico de Basto, que o sr. Deodoro Pereira Bahia, lhes trespassou o seu estabele- cimento de fazendas de lã, brancas, mindezas, mercearia, ferragens e quin- quelharias; e mais acrescetam terem se por escriptura publica lavrada pelo notario Figueiredo d'Abreu, constituindo em sociedade commercial em nome col- lectivo sob a firma Machado e Gomes para o fim de continuarem a explorar o referido estabelecimento. Desejamos-lhes muitas felicidades.

Cobrança

Prevenimos os srs. assignantes d'este jornal que n'esta data en- tremos ao nosso cobrador, os recibos referentes ao 1.º semestre das suas assignaturas para im- mediatemente proceder á sua co- brança. O «Caixeiro do Norte» con- siderará seu amigo aquellos que os pagarem logo que elles lhes sejam apresentados. Evitar-nos- hão assim despeza e trabalho que muito nos prejudicariao.

O administrador, José S. Cortez Junior.

Tuna-Orchestra da União dos Empre- gados do Porto

Um concerto no Athenaeu Commercial

Para o proximo dia 24 do corrente, realiza esta Tuna um concerto no salão nobre do Athenaeu Commercial, dedicado ao patronato d'esta cidade, filiado n'aquel- a collectividade.

Congregam-se elementos de valor para que esta festa seja d'um grande realce e brillantissimo.

Sendo, como é, a Tuna um dos primeiros grupos musicas do paiz, de esperar é, pois, que ella mantenha mais uma vez os seus creditos já tão solidamente firmados.

Na proxima sexta-feira principiam os ensaios do programma a executar n'aquel- le concerto, com a assistencia de todos os executantes.

PELOS THEATROS

Sá da Bandeira

No caso que á ultima hora não surjam difficuldades imprevistas, deve reali- sar-se hoje a estreia do «Excelsior- Cine» que tem sido ansiosamente aguarda- da, pelo numeroso publico frequen- tador d'esta casa, visto saber-se que elle rivalisará com os melhores appa- rehos congéneres que funcionam n'esta cidade. Está-lhe, por isso, reservado um magnifico successo, sendo os preços assis convidativos. Além d'isso, ha grande interesse em apreciar os tra- balhos de Mam'zelle Louise & O., que tem fama de boa artista.

Agua d'Ouro

Apresenta-se hoje no Agua d'Ouro dando nos a premiere de «O rei dos gatunos» a companhia do theatro Gyman- sio de Lisboa.

«O rei dos gatunos», que na capital teve largo successo, é uma peça ex- trañada d'um dos romances em que Mau- rice Leblanc conta a vida e as aventu- ras do extraordinario e já hoje famoso Arsenio Lupins, gentleman cambrioleur. A casa está quasi toda passada para hoje e para amanhã.

Domingo representar-se-ha novamen- te, havendo espectáculo ás 4 e meia da tarde e 8 e meia da noite.

Carlos Alberto

Continua em pleno successo a revista «Ida e volta», que todas as noites chama a este theatro farta concorren- cia. Os numeros principaes são, a pe- dido do publico, repetidos várias vezes e sempre muito applaudidos, bem como os interpretes.

A revista «Ida e volta» represen- ta-se hoje e será amanhã exhibida em dois espectaculos, á tarde e á noite.

CYNEMATOGRAFIAS

VIII — A Invernía

Apesar de aborrecido e massador, o Inverno sempre tem seus encantos!

Se a tristeza das arvores desfolha- das, quietas e silenciosas da furia do vendaval que já lhes não agita a folha- gem, produzindo lhes ondulagões gemebundas e sibillantes, mette dô; se os destructos jacentes do temporal, aniqui- lados brutalmente pelo furacão violento na sua devastação impiedosa e irrespon- savel que tudo derriba e destrôe, arre- piam; se os rios remansosos, avolman- do coloricamente o dorso cheio de es- pumas amarelladas de raiva surda, apavoram despejando-se sobre as mar- gens por tal fôrma que os ultimos ga- lhos das arvores, fóra das suas aguas barrentas, parecem braços agitados pelo estertor lancinante da agonia, e pen- etrando nas povoações que atravessam tudo inundam e enchecam; se, final- mente, o mar, roendo como um canero, alterosamente irado se lança sobre a costa mordendo-a e devorando-a, ou destruindo e arrazando o artificio do homem no seu appetite voraz de mon- stro ferino, causa terrificante pavor, a intinsidade e a lucta dos elementos que semeiam todas essas misérias e horrores não deixa de ter o seu quê de horrivelmente bello e soberbo!

Quando não vale aquella luz mara- vilhosa e momentanea do raio, rasgando as trévas da noite e que, zigzagueando por entre as nuvens carregadas, fór- ja coriscos que incendiam o firma- mento!

Que imponencia não offerecem aquelas cordas de agua esfumando estridula- mente no lagêdo das calçadas e apagan- do tristemente o horizonte!

Extasiado n'estas maravilhas da Na- tureza, é como eu tenho passado algu- mas horas dos domingos que, por sys- tema, já ha muito não tem sol.

E então, para melhor gosar estes es- plendores, colloco-me por detrás das vidraças da minha casa de hospedes (não tomem este minha por possessivo) cá n'um quarto andar, e espero a tem- pedade, interrogando o occidente, que d'estas alturas domina em toda a ex- tensão.

Lentamente, as nuvens vão sabindo por detrás da casaria que se ergue, elevada, em toda a linha occidental da Cordoaria á Lapa, e que me tapa mais longa vista. Passados momentos, cobrem todo o espaço, pesadas e negras. Os ares escurecem. A cupula da torre dos Cleri-

gos apaga-se nas brumas do poente! A Natureza toma então o ar triste e melan- chólico da noite do Calvario e a tempe- dade começa!

Grossas cordas de agua se despejam na Terra, estralejando nos vidros.

Agoitada pelo vento, a chuva desfaz- se no ar em humido pó que, formando como que columnas de fumo tenúe, se perdem no espaço seguindo vertiginosa- mente o rumo do infinito.

Parecem phantasmas galgando a im- mensidade, visões estranhas e fugitivas que o vento dissipal!

E eu então, muito encostado á jan- eira, através dos vidros a escrever, vou seguindo com a vista a imagem vapo- rosa d'esses phantasmas ephemeros, a diaphaneidade indecisa e vaga d'essas visões que apparecem e desaparecem, desfeitas pela ventania...

Quando a chuva é menos intensa, então volto o aparelho para a rua e ponho me a apanhar quem passa.

Já estás a vér, leitor, quem são os primeiros que entram na machina...

— Nem mais!... Adivinha!...

São os meninos elegantes, os imper- meaveis, aquelles que quanto mais chove mais enxameiam nas ruas, de cabeça coberta com esses enormes têstos da ultima expansão moderna e agasalha- dos... por uns casacos de borracha que lhes ficam ahí pelas alturas do Joelho, como as opas de Nossa Senhora das Candeias lá da minha freguezia...

De calça sempre arreçada, n'um gesto iconoclasta á velha piada choco em Londres, pengas berrantes e sapatos redondos, elles ahí passam aconchega- dos ao seu zézinco de cautechone, sem capuz, curvados e pingões, com o têsto a gottejar como a concha d'um cháfa- riz e ludzio como a cartola mais as- seiada d'um cocheiro da alta roda...

E assim, n'este proposito, é um nunca acabar!

Depois d'isto, seguem-se os apro- dicialicos... Ah! leitor!! Quanta perna nos pisa á vista quasi até ao geneflexo; em- baihada na mais fina e rendilhada das meias de côr oriental, assim exposta ao nosso appetite anaereotico por um excesso de precaução contra as lamas... Que maravilha de plastica a resudar, pelos abertos da meia, vapores de vo- luptuosa visibilidade!...

Factos e Occorrencias

Assembleia Commercial Portuense

Realisa-se, amanha, na sede d'esta prestigiosa e sympathica collectividade, a primeira das suas reunioes familiares d'esta epoca.

Os nossos amigos

Do nosso estimado assignante, sr. Francisco Tavares Pedro, de Chibia, Africa, recebemos um vale de correio para pagamento da sua assignatura relativa a um anno.

Atheneu Commercial de Coimbra

Para os diferentes cargos administrativos d'esta collectividade foram nomeados os seguintes camaradas:

Assembleia Geral - Antonio Correa, presidente; Porfirio Francisco Delgado, vice-presidente; Carlos Rocha, 1.º secretario; Manuel Simoes Pinheiro, 2.º dito.

Direcção - Emilio Pinheiro Viterbo, presidente; João Garcia da Fonseca, vice-presidente; Adelino de Mattos, thesoureiro; Cesar Alves, 1.º secretario; Augusto Patroni, 2.º dito; João Villaga e Arlindo Simoes, vogaes.

Francisco Pereira de Lemos

Continuamos a receber as melhores noticias d'este nosso dedicadissimo amigo, que se acha no Rio de Janeiro.

O Lemos não esquece o movimento da classe de que foi um dos bons cooperadores, e diz-nos que tem sido feliz com a sociedade que tem com o nosso amigo Antonio Augusto Cardoso.

Associação dos Caixeiros de Lisboa

Para a gerencia do corrente anno foram eleitos os seguintes collegas:

Assembleia Geral - Julio Silva, presidente; José d'Almeida, vice-presidente; Francisco Julio Martins, 1.º secretario; Catharina Correia Machado, 2.º dito.

Direcção - João Antunes Pinto, presidente; Amilcar Costa, secretario; J. S. Nunes Affonso, thesoureiro; Manuel Joaquim Botto, Manuel Ignacio Lagos e J. Simoes Mendes, vogaes.

Comissão de reivindicações - Julio Ferreira Thomé, Herculano Branco e Antonio Carmo Limpo.

Comissão de instrucção - José d'Almeida, Feliciano Rezina, Francisco Santos, Alberto Marques Craveiro e Antonio Pestana.

Comissão do trabalho (Arbitragem e collocações) - Francisco Julio Martins, José Rodrigues Bento, Jayme Santos, Antonio Francisco Marques e Manuel Augusto Barbosa.

Banco do Douro

Recebemos o relatório e contas d'este estabelecimento bancario, relativo á gerencia do ano findo de 1911.

Por elle se póde ajuizar afoitamente que o seu estado é prospero e firme. Agradecemos pelo envio a esta redacção.

Transgredindo a lei do descaço no Porto

Por terem transgredido a lei do descaço semanal, foram autoados o vendedor ambulante Francisco Lourenço, da travessa das Erinhas, Manuel Pereira Ramos, estabelecido com loja de bebidas na rua de Anthero do Quental e José Pereira, com taverna na rua de S. Bento.

Atravez da Provincia

CARTAS

De Ponte do Lima

Depois de tanto lutar pelas nossas reivindicações, vejo que todo o meu assíduo trabalho tem sido inutil, pois não ha meio do Administrador d'este concelho sair do rouceirismo de que ha longos mezes vem dando provas

Se fosse uma auctoridade zelosa e cumpridora dos seus deveres, não se dariam as arbitrariedades que tão frequentemente forem os empregados Pontelienses. Mas se todos os empregados se associassem e trabalhassem com afan em prol das nossas reivindicações, creio bem que este estado de coisas não chegaria a taes termos. E' triste e repugnante, verdadeiramente critico, ver-nos submettidos ao dominio de alguns commerciantes, pois quando fizeram o regulamento já foi com sophisma, e alguns disseram: «estes mezes damos-lhe o descaço completo, e depois só o meio dia de domingo.» Que cumpridores de leis!

Isto corre tudo ás mil maravilhas. Estes ultimos dias tem estado acariadores e verdadeiramente primaveris.

13-3-912.

C.

De Abrantes

Foi contemplado com 200\$000 réis n'uma cautella de 100 réis, o nosso amigo e collega José de Mattos Tavares. Bom foi que a felicidade assim o procurasse, pois que é digno d'isso. Venho, nas columnas d'este jornal, prestar-lhe a devida homenagem, assim como informar os leitores do mesmo jornal, o que foi o banquete que este nosso collega fez realizar no Vigia e a que tiveram o gosto de assistir os collegas Joaquim de Mattos Casaca, Francisco Vizen, Herminio de Mattos, Manoel Gaspar, Fernando Vizeu e Manuel José Coelho.

Todos a postos, deu-se começo ao banquete, correndo tudo no meio de grande animação. No fim, serviu-se o champagne, iniciando n'essa occasião os brindes o collega Manuel José Coelho, que em poucas palavras, pôz em relevo as distinctas qualidades do contemplado. Em seguida, fallou o collega Joaquim de Mattos Casaca que fez um pequeno mas bello discurso, sendo muito applaudido. Por ultimo o collega contemplado agradeceu a todos os assistentes a maneira captivante como o distinguiram.

11-3-912.

Coelho.

Oscar Teixeira da Costa

Passou ante-hontem o 20.º anniversario natalicio d'este nosso querido amigo, que foi celebrado com uma bella festa, a que tivemos o prazer de assistir bem como muitos collegas e amigos nossos. Entre elles se contava o nosso prezado e dedicado amigo Pereira d'Araujo. Houve banquete, cujo menu foi servido pela grande confeitaria Parisiense. Não faltou tambem o champagne, marca Progedior, especialidade da casa. Ao illustre collega endereçamos as nossas cordeas felicitações.

Congresso Nacional dos Empregados de Commercio de Hespanha

Promovido pela Federação dos Empregados de Commercio de Hespanha, deve realizar-se em Sevilla, nos dias 25, 26, 27 e 28 do proximo mez de abril o VI Congresso Nacional, com a seguinte

Ordem do dia

- 1.º - Trabalhos preparatorios; 2.º - Constituição do Congresso; 3.º - Administração do comité executivo; 4.º - Propostas; 5.º - Modificações nos estatutos; 6.º - Adições aos estatutos; 7.º - Assumptos de caracter urgente; 8.º - Eleição do secretario; 9.º - Localidade em que ha de celebrar-se o VII Congresso de 1914; e 10.º - Indicações dos representantes das associações não federadas.

Programma das sessões

- Dia 24 - A's 9 horas da noite: Apresentação de credenciaes. Dia 25 - A's 9 horas da manhã: 1.º - Revisão e approvação de credenciaes; 2.º - Constituição do Congresso; 3.º - Leitura das actas do V Congresso; 4.º - Approvação do relatório do secretario; 5.º - Approvação de contas; 6.º - Approvação do relatório e propostas enviadas ao Congresso Internacional. Dia 25 - A's 4 horas da tarde: Discussão e approvação de propostas. Dia 26 - A's 9 horas da manhã e 4 da tarde: Discussão e approvação de propostas. Dia 27 - A's 3 horas da tarde e 9 da noite: 1.º - Discussão e approvação de propostas urgentes. Dia 28 - A's 9 horas da noite: 1.º - Eleição do secretario; 2.º - Localidade em que ha de celebrar-se o VII Congresso de 1914; 3.º - Indicações dos representantes das associações não federadas. Dia 28 - A's 4 horas da tarde: Sessão de encerramento e meeting publico, em que terão interferencia os delegados ao Congresso.

Das associações federadas apresentam propostas de caracter diverso a Liga de Empregados de Commercio de Albacete, Associação de Empregados de Commercio de Bilbau, Sociedade de Empregados de Commercio e Industria de Burgos, Associação Geral de Empregados de Commercio de Madrid, Associação dos Empregados do Commercio de Sevilla e Associação dos Empregados de Commercio de Loria. Todas estas propostas a que no proximo numero nos referiremos desenvolvimento, tendem ao levantamento social do caixeirato hespanhol, cuja vitalidade ficará iniludivelmente demonstrada no proximo Congresso. Bom será que os caixeiros portugueses acompanhem com interesse o movimento dos seus collegas do paiz vizinho para que lhes sigam o exemplo.

Hippolyte André, Successores

Casa Franceza

Ferramentas, machinas e todos os artigos para ourives e relojoeiros

O maior sortimento de Portugal Ouro, prata e platina COMPRAM OURO VELHO

Casa Franceza

Rua Sá da Bandeira, 33 - PORTO

BICYCLETES DE ALUGUER

CASA

Rua da Alegria, 874



RIBEIRO

FILIAL Praça da Republica, 42 (Esquina da rua dos Martyres da Liberdade)

O proprietario convida os seus amigos e freguezes a visitar estas casas de sports, onde encontrarão um grande sortido de bicyclettes para aluguer, dos melhores auctores até hoje conhecidos.

Pela sua seriedade recommenda-se esta casa á classe commercial.

Vendem-se novas e usadas a 500 réis semanacs

O proprietario,

Arthur Ribeiro de Sousa.

PADARIA LAMEGO

- DE -

José Ferreira Coelho de Magalhães

406, Rua do Bomjardim, 410

PORTO

Pão de todas as qualidades. - Bijou, hespanhol, familia, pão doce, não da os pontos da cidade. - Vinhos, doces, bolachas, etc.

LIVRARIA MODERNA

- DE -

JOÃO GONÇALVES

PAPELARIA, TYPOGRAPHIA, OBJECTS DE ESCRITORIO E MATERIAL ESCOLAR

48, Largo dos Leyos, 49 e 50 - PORTO

(Em frente á rua dos Caldeireiros)

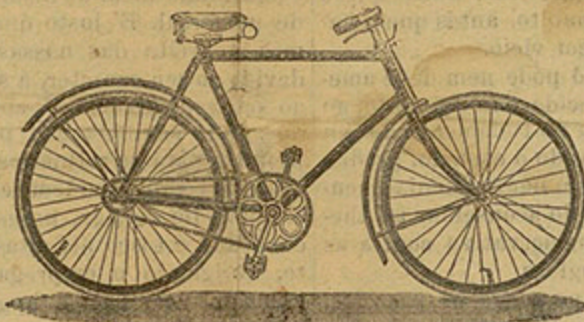
SALÃO DE BARBEIRO

- DE -

Jayme Mattos Figueiredo

RUA DE TRAZ, 9 e 11 - PORTO

Recommendase nos empregados de commercio, por ser dos salões mais centrais.



BICYCLETES E MOTOCYCLETES

- DE -

ALUGUER E VENDA

O proprietario da Casa Vieira, da rua Latino Coelho n.º 256 (antiga rua do Principe Real), participa aos seus amigos e freguezes de que não comprehendem aluguer bicyclettes sem primeiro visitarem esta casa, onde encontrarão um grande sortido das mesmas machinas dos melhores auctores a preços sem competencia. Na mesma casa ha tambem officinas de reparações, estufas de emalgação a fogo e nickelagem. Provada seriedade nas suas transacções.

O proprietario,

Antonio Vieira Junior.

La Méthode Directe Linguas vivas

FRANCEZ

INGLEZ

ALLEMÃO

Ensino pratico pelo methodo de M. de Valette

Licencié ès-lettres (Langues)

Licencié en droit - Paris

Professoras e professores estrangeiros,

cada um ensinando a sua lingua materna

Cursos diurnos e nocturnos

Lições colectivas separadas

para homens e senhoras

Cursos especiaes para empregados de commercio

DIRECTOR:

FELIX CAILLET

Antigo professor das Escolas Berlitz

75, Rua de Sá da Bandeira, 75-2.º

PORTO

Aulas da União dos Empregados de Commercio do Porto

Corpo docente

Francez. Achile Prisse d'Avennes - antigo professor da Escola Berlitz. Inglez e Allemão Ernest Andrevos. Calligraphia Luiz Adelino Lopes da Cruz. Escripção Commercial José Maria Duarte. Portuguez Dr. Januario Leite. Musica Francisco P. de Queiroz.

Matriculas

Francez - segundas e quintas-feiras; Allemão - quartas e sabbados; Inglez - terças e sextas; Escripção Commercial - terças e sextas; Calligraphia - segundas e quartas; Portuguez - terças e quintas; Musica - terças e sextas. As importarcias são pagas no acto da matricula. As aulas funcionam das 9 horas da noite em deante.

O CAIXEIRO DO NORTE

PORTO

Porto, Provincias e Ilhas, anno 800 Assignaturas (pagamento adiantado) Africa, anno 1\$200 Não se restituem originaes, sejam ou não pu Brazil, anno (moeda forte) 1\$600 blicados.

Sr.